

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua 1.º de Maio, 14—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 10 Números 5\$00

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

A VENCÇA

No 7.º centenário da tomada de Tavira aos infiéis, saudamos todos os que através oito séculos têm contribuído para a unificação da Pátria.

TAVIRA

Minha linda Tavira, ó minha terra,
meu berço, meu refúgio e meu altar,
poeta quizerá ser para cantar
quanto de belo e grande em ti se encerra.

Que panorama extranho e singular
à luz dos nossos olhos se descerra:
linda janela aberta sobre a serra,
linda janela aberta sobre o mar.

Assim, n'uma justíssima homenagem
quiz dar-te a natureza com doçura
todos os tons da luz e da paisagem.

Que destino feliz em ti nascer
e Deus me dê a última ventura
de que repouse em ti quando morrer.

Junho, 1942. **António Santos**

SETE séculos são passados depois que Tavira foi libertada do domínio árabe.

A raça portuguesa, conquistando o Algarve aos sarracenos, libertava a orla extrema do sul da nossa pátria do jugo infiel, dando-nos por limites austrais o Mar Atlântico.

Com estes últimos feitos épicos dos nossos Maiores, constituía-se a Unidade Portuguesa; formava-se de vez o nosso Portugal, que iria ter nome imperecedouro na História da Terra, em clarões de epopeia, em fulgurações de apoteose, mais tarde cantadas pelo nosso Epico em versos imortais.

Onze de Junho de 1222! data gloriosa para Tavira, em sete séculos de história, recordá-la, é reviver no passado, passar como em fita cinematográfica toda a história d'uma cidade, através d'um largo periodo em que os tavirenses de antanho, honraram e dignificaram o seu nome e enobreceram os pergaminhos históricos e heráldicos da terra mãe, como homens a quem o porvir marcaria como varões assinalados,—imortais.

Porque não morre aquele que pelo valor do seu animo, ou pelo intellecto, marcou logar na vasta galeria da história gloriosa d'uma terra como Tavira.

Jamais o esquecimento se manterá em torno dos nomes que honraram e dignificaram a terra que lhes foi mãe, seja qual fôr o prisma honroso porque os encaremos.

Pode, por vezes, por épocas, tornarem-se esquecidos os nomes d'aqueles que a prol duma cidade, d'uma colectividade ou da Pátria, deram o melhor do seu esforço heroico ou mental; mas vem sempre o momento, tarde ou cedo, de arrancar esses Homens do esquecimento, e expô-los à veneração dos posterios.

E Tavira tem desde os primórdios da sua história pro-



Tavira—Rua dos Mouros e aspecto duma muralha

ESPECTROS QUE FALAM

priamente portuguesa, uma pleiade heroica e brilhante, distinta e ilustre, que jamais se arrancará das páginas doiradas da História Pátria.

Pleiade aurifulgente, coruscante, em todos os ramos do saber humano, abrangendo o épico, a honra, o dever, o talento, a abnegação, a arte,—todas as facetas do espírito, do Amor da Pátria, n'um período de setecentos anos de história gloriosa.

Na comemoração centenária d'hoje, vejamos em espírito passar toda essa vasta ronda dos nossos antepassados, de gentes nobres pelo espírito e pelo cora-

ção e pela sua alma forte de patriotas.

De corações ao alto, de olhos postos n'essas legendárias figuras, murmuramos com unção os seus nomes veneráveis de homens d'antes quebrar que torcer, d'aqueles em quem poder não teve a morte, porque a imortalidade os levanta em seu escudo de séculos, entrando para sempre na História da Pequena Pa-

Todo o bom nacionalista deve assinar o jornal «Povo Algarvio».

tria, a terra natal, na Historia da Grande Pátria—Portugal.

Com os olhos fitos n'uma ronda legendária de espectros que falam eloquentemente, imitemos-os no seu forte querer, no grande amor que eles, com mãos pródigas e alma aberta, souberam espargir por toda a terra, onde os seus feitos ilustraram o nome honrado e heroico da sua terra natal,—Tavira.

Ouçamos as suas legendas de guerreiros, santos, artistas, navegantes e mestirais, que todos viveram, amaram e sofreram «a prol do comum e aproveitância da terra», como homens dignos

d'este nome; e entre eles, o Gran Doutor Frei Gil de Tavira, que ao choro desabalado de D. Duarte ante o cadáver do Rei D. João I., seu pai, exclamou:

«Senhor, acorde para o officio de reinar!»

Frases que a História registou, frase máscula e viril, digna do Homem que a pronunciou, encerrando todo um mundo de energia patriótica.

Ouçamo-los, e imitemo-los, a esses varões legendários, e, por nossa vez, teremos legado a nossos descendentes também um nome digno de figurar com justiça, ao lado dos nomes magníficos dos tavirenses de tempos idos.

E por nosso turno, seremos também imortais.

Porque nós somos preparados pelas gerações anteriores. Sigamos as suas tradições, verifiquemos o seu valor intelectual e moral em comparação com o nosso tempo; isto é, sejamos tradicionalistas, sendo inteligentemente da nossa época.

E teremos servido a nossa terra. Servir com fé e amor,—frase mágica que eleva, transfigura e santifica, ilustra e enobrece, consola e engrandece, no dever cumprido.

«A Patria honrae, que a Patria vos contempla», escreveu Camões em versos d'oiro coruscante; e este verso tem sempre oportunidade.

Damião de Vasconcellos

Informações

Está aberto concurso para provimento do cargo de Chefe da Secretaria da Camara Municipal desta cidade por vaga deixada pelo nosso prezado assinante sr. dr. Quirino Spencer Salomão, mui digno Chefe da Secretaria da Camara Municipal de Setubal,

CINZAS DO PASSADO

Desventura

Algumas gerações outrora passaram por Tavira e ali conheceram duas mulheres, qual delas a mais desventurada.

A sua desgraça era tanta que, como vulgarmente se diz, não tinham eira nem beira.

Uma relativamente nova, não teria mais de trinta a trinta e cinco anos quando a conhecemos; a outra era de mais idade, sessenta a sessenta e cinco. Pernoitavam no albergue novo da cidade, ali para os lados do templo da Misericórdia. Ninguém lhes conhecia a naturalidade e, menos ainda, a filiação. A mais nova dizia-se filha de Tavira, mas ninguém lhe conhecera os ascendentes. A mais idosa dizia-se natural de Olhão ou de qualquer das freguesias de aquele concelho.

A primeira prestava alguns serviços em diversas casas particulares, e ocupava-se mais na parte da manhã no acarreto de tableiros com pão daqueles particulares que logo ia entregar nos fornos da cidade, onde pouco depois os recebia para entregar nos domicílios. Na parte da tarde, empregava-se no acarreto de bilhas com água, que ia encher nas melhores fontes da cidade. Recolhia ainda por esses serviços qualquer importância que muito agradecia. Criatura um tanto ou quanto idiota, o seu traje era interessante. Durante todo o ano conservava o cabelo cortado à escovinha e a cabeça descoberta recebia assim o sol e a chuva, por mais ardente que aquele fosse ou por mais torrencias que fossem as bategas que sobre si caíam. Nesse momento uma ou mais pessoas lhe apareciam sempre a cobrir-lhe a cabeça e parte do tronco, com uma saca.

Sempre descalça, usava, segundo a quadra do ano, uma bata de certa fazenda que dificilmente lhe cobria os joelhos e apertava na cintura por meio dum avental de riscado. Para sua maior desgraça ainda, era tal a sua tristeza que sofrendo duma grave miopia que quasi a não deixava ver; nunca encontrou uma alma de coração bondoso que uma vez, pelo menos e por caridade, lhes desse umas lentes.

Tal era pois o seu infortunio! E, não obstante a sua muita infelicidade, era vê-la, todos os dias, a percorrer a cidade num caminho lento, fazendo-se ouvir a certa distancia numa agradável cantoria, muito sua e voz muito regular, a recordar talvez a letra duma canção ligeira que em pequena teria ouvido á sua querida mãe, quando em seus braços lhe cantava para a fazer dormir e que ela, a pobre Roberta, recordaria agora com infinita saudade.

A mais velha dizia também chamar-se Maria e ser mais conhecida pela «Senhora D. Maria Gambôa». Sempre miseravelmente enfarpelada, cobria-se com um chaile que por esmola lhe fora dado. Por alguns traços da sua fisionomia de outrora bem se compreendia logo que nunca devia estar em deleito com a formosura.

Mais idiota do que a Roberta, isso a levava a grandes pretensões. Aparecia com mais ou menos frequência por Tavira, quando sabia que Sua Ex.^a o General Inspector dos Corpos da 4.^a Divisão em breve visitaria aquela cidade, quando esta era ainda guardada por uma unidade de infantaria. A garotada já lhe conhecia o fraco sabendo que ela queria ser «esposa dum general».

Certo ano apareceu em Tavira em fins de Abril e desde logo foi entregue ao malogrado Sergio que ficara encarregado de realizar o casamento no próximo dia de Maio com esta condição: Vestida de Maia e coberta de flores, sentar-se no trono armado no Largo da Nora. A «D. Maria» ficou radiante porque chegara ao máximo da sua felicidade, ela que só ambicionava flores e trono lá foi colocada no dia 1.^o de Maio, sentada a três metros de altura, coberta de flores, porque

Pontos de vista

Donas de casa

Toda a dona de casa, em tempos que já lá vão, caprichava na sua bonhomia e na salutar impressão do seu aspecto fugido aos desgostos e ás dificuldades. Se bem que da sua orientação resultasse a prosperidade dos poderes que lhe foram confiados para a união da família, a verdade é que a dona de casa, mercê da compreensão nitida do seu papel, adquiria fóros de simpatia e de respeitabilidade, e não lhe era preciso ir a Coimbra chamar em seu socorro os mestres financeiros.

Muitas delas governavam e governavam-se dentro dum orçamento relativamente modesto, e se ao cabo de um mês de sensata administração não tinham o prazer dum superavit vistoso, sentiam, pelo menos, o luxo de não ver nas paginas do livro dos seus gastos um déficit alarmante. Equilibravam sempre a receita com a despesa. E desta maneira a dona de casa abria e fechava a bolsa tranquilamente ás economias enclausuradas num pobre mealheiro de barro.

Hoje, coitadas, passam constantes amarguras, e justo é nesta hora em que se faz justiça, metendo na ordem os que usam de deshumanos processos contra a miséria, lembrar as donas de casa, precocemente envelhecidas, de vista esgaçada e o rosto torturado pelo sofrimento, desalentadas perante o quadro ruinoso que se lhes antolha, e a sua incapacidade para resolver um dos problemas mais arduos da vida, presentemente, como é o da alimentação.

Não basta que a mingua dos seus recursos pecuniarios lhes não permita alargamentos sensíveis, obrigando-as até á repressão clara da que já fora sua lauta mēza, é necessario ainda considerar a escassez do mercado que as envolve na maior tristeza.

O fiel amigo tornou-se um feio inimigo, o assucar fêz-se açedo, o arroz desapareceu, o vinho trepou (é seu habito), não ha sardinha, não ha carvão, não ha petroleo, não ha carne, nem mesmo de cavallo.

O pouco que existe embaraça e debilita, por completo, o orçamento mais prudente e de invejavel tino duma dona de casa de se lhe tirar o chapéu, e que sabe honrar o nome do chefe da familia. E em cima de tudo isto, deste estendal esmagador de dificuldades, reduziram lhe a intensidade da luz e ao silencio a telefonia, dão-lhe pão duro e negro aos domingos, e fornecem-lhe em troca, em abundancia, as bichas que lhes levam as criadas desde o nascêr do sol á hora dos estabelecimentos encerrarem as suas portas, e que entraram descaradamente no dominio nacional.

Não causará espanto ouvir dizer amanhã que as donas de casa renunciaram ás suas funções, alijando-se das suas responsabilidades. E para o seu suplicio que ousamos chamar a atenção, na esperança de as vermos sempre no seu posto, fieis ao seu mandato, com as chaves da dispensa ao dependuro no cinto, tal como S. Pedro, bondoso e resignado, que não larga as do céu nem por um decreto.

Embora neste momento a falta e a carestia dos géneros de primeira necessidade concorram para tornar a vida manifestamente pesada, o certo é que a mulher, mais do que nunca, cabe-lhe o dever de enfrentar o cargo de dona de casa, se possivel fór, ainda com mais interesse, entusiasmo e serenidade. Na defeza do lar está a paz da familia.

E dessa paz muito ha a esperar do elemento feminino, o unico capaz de abrandra todas as tempestades, e dominar todas as guerras.

O sorriso duma mulher pode, sem duvida, salvar a vida aspera do homem mais rebelde, desde que, naturalmente essa mulher saiba sorrir!

Mesmo com bichas, as donas de casa, a quem tambem chegou a sua vez, levarão a cruz ao calvario, transformando o pouco no muito, sem desanimo e sem hesitação.

Lá diz o ditado: «Não ha fome que não traga fartura».

E as bichas hão-de ter o seu entêrro, descancem. As de sangrar, por exemplo, cairam já em desuso, restando apenas para mal de nós todos e, em especial, das donas de casa, as de rabear...

Acurcio Cardoso



TAVIRA—Ponte sobre o rio Séqua

com dificuldade apenas se viam os seus pequenos olhos.

Aproximava-se o por do sol quando um dos muitos petizes presentes se lembrou de dizer que o «noivo» já teria vindo e desembarcara junto ao templo de Nossa Senhora do Livramento, visto ter vindo por Vila Real. Pois não foi com pouco custo que se convenceu a conservá-la sentada e logo lhe serviram o jantar que constou de seis pratos variados dos quaes ela saboreou os primeiros dois para logo dizer que: «já não podia comer mais favas cozidas» ao que o malogrado Sergio respondeu: «Você bem vê, que os pratos são todos variados».—No tamenho e na côr—assim lhe respondeu a velhota.

E' certo que muito dos moradores da rua do Mau-Fôrô não saíram para o campo por causa da «D. Maria» porque a rua esteve em festa. Era já noite quando lhe deram alguns artigos de vestuário já usado, algum peixe frito e pão assim como a importância total da esmola que durante a tarde caia sobre o trono num total de 10.500 reis, aproveitando-se um carro que seguia para Faro e que por 100 reis, a levou até ás terras do seu concelho. E lá foi, com a ilusão de ter ainda um dia junto de si a farda mais bonita que o nosso exercito tem hoje.

Tem paciencia «D. Maria» também o Alquilador Romão viveu algum tempo na ilusão de que com todo o oiro da sua bolsa se-

PELA CIDADE

Santo Antonio—Conforme noticiamos realiza-se amanhã o tradicional arraial de Santo Antonio.

No dia 13 realizar-se-á também a tradicional festa que constará do programa seguinte:

As 12 horas—Missa solene.

As 22 horas—solene-té-deum, a grande instrumental e vozes, havendo sermão por um dos mais distintos oradores sagrados da diocese.

Cine-Esplanada—Já foi construída a cabine para funcionamento do aparelho sonoro de projecção do Teatro Popular no Largo José Pires Padinha, em frente do mercado municipal.

A temporada de cinema ao ar livre deve inaugurar-se já dentro de poucos dias.

Banda da Academia Musical Tavirense

Comemorando a data festiva deste dia, esta banda executa no jardim publico, um escolhido repertório, cujo programa é como se segue:

I PARTE

BOMBEIROS VOLUNTARIOS—Marcha—(1.^a audição)—Chicoria
BRITANICUS—Overture—A. Escassola
BALLET EGYPTIEN—Fantasia—(1.^a audição)—A. Luigini
ANDALUCIA—Suite Sinfonica em 3 tempos—E. Escobar

II PARTE

NAS MARGENS DO TAMEGA—Capricho Melodico—A. Fonseca
COMO A VIDA VOA—Valsa—Americo F. Santos
BICOLOR—Marcha de Concerto—S. Ribeiro
HINO DA CAMARA MUNICIPAL DE TAVIRA—José S. Domingues

Amor pátrio

Uma educanda do Asilo «Esperança Freire», de Tavira, agora encerrado, teve de sair de Portugal a caminho de uma das nações mais florescentes da America do Sul, onde residia seu pae. Desde muito creança que estava recolhida naquele Asilo donde só saiu este ano.

Partiu há dois meses. Da sua primeira carta escrita a uma amiga que cá deixara não resistimos a transcrever duas ou três frases bem sintomaticas da sua formação espiritual. Elas servirão até para exemplo de certos desportuguesados que só acham bom o que não é nacional.

Comparando a capital dessa nação, Buenos Ayres, com Lisboa, acha que é muito linda mas não como Lisboa. Tem muito movimento, muito commercio, é muito bonita mas não é como Lisboa.

E esta opinião não é de uma alfacinha.

Depois de se seguir aos muitos portugueses que tem encontrado, especialmente seus patrios, termina por dizer: «Meu querido Portugal que não o trocarei por nenhuma Pátria».

Isto é escrito por quem não é natural que torne a regressar á sua Pátria. Por quem tem menos de 20 anos e a vida toda pela frente.

Que contraste com certos cretinos que ao fim de oito dias de estarem fora de Portugal já se esqueceram até da sua lingua.

Quem escreve isto conhece muito bem a autora da carta em questão. Sentiu uma grande satisfação quando a leu, por varios motivos e principalmente por ver que se não tinha enganado na apreciação que fizera da sua intelligencia e do seu character.

ria o necessário para conquistar a melhor das rameiras de outrora e afinal viveu sempre na ilusão, sem jamais conseguir o que tanto ambicionava.

Lisboa, 4 de Junho de 1942

Antonio Joaquim Faria

As manobras de defesa aerea

Prevenir; jamais alarmar

A atitude do cidadão do Estado Novo ante as proximas manobras de defesa aerea, deve corresponder ao intuito altamente patriótico que inspirou a sua organização:—calma, serenidade, prevenção. Todos podem e querem, certamente, dominar-se ao recordarem-se da atitude de deselegante alarmismo nascida de injustificáveis panicos.

Quere a Legião, certa de lograr bom exito nos seus planos, e em estreita colaboração com o Exercito, do qual ela é o natural complemento, exercitar a população civil da capital do imperio e zona que lhe fica adstricta, a impedir, individuo por individuo, o desagregante espirito de desordem pessoal.

Por isso os exercicios, realizados em combinação com os hospitais, bombeiros, redes ferroviarias e de estradas aptas a camionagem, necessitam a colaboração de todos. Serão dias de sacrificio e de trabalho mas, sobretudo, de atenta expectativa. Comprovada a excelente qualidade do nosso material humano, comprovar-se-há, como tantas outras vezes no decorrer da historia de Portugal, que o seu espirito age em estreita concordancia com essas normas disciplinares—e que tal concordancia brota sobretudo, do exemplo vivificador de um Estado como o nosso —enlace felicissimo do maximo respeito pelos direitos adquiridos com aqueles que o progresso contemporaneo fez norma e lei codificada dos codigos brotados da serena contemplação da realidade social da Europa.

O espectáculo de uma rectaguarda desordenada e, organicamente, dissolvida no esteril espumejar de odios inuteis, alem de despertar a desconfiança universal afasta a solidariedade e o interesse que afiança os grandes nucleos imperiaes através dos seculos.

E' preciso estarmos limpos, sob o ponto de vista moral e material. Trata-se, portanto, nestes proximos dias, de uma grande revista que só deve inspirar confiança e jamais alarme; que só merece elogio e feryorosa, embora serena, colaboração—e jamais o frenesi de desesperos necessarios.

Obra de prevenção é e dos exercicios proximos. E la diz o povo, no seu conceito exacto das cousas, «que homem prevenido vale por dois». Ante o espectáculo de enormes devastações, está de mais o pequeno incomodo de uns simples exercicios. Mas estes devem ser executados naturalmente, simpaticamente.

Isto, somente. Nem a mais nem a menos.

Tanto em artigos de equilibrada propaganda como em instruções e explicações tecnicas de todo o genero, os organismos de propaganda ou de controle dos exercicios do Estado Novo, tem divulgado por todo o pais quantos conceitos, normas ou suas adaptações, a experiencia extranha tem concatenado no decorrer destes três anos quasi feitos de guerra.

Ora, dentro da nossa posição de neutros, a nossa melhor salvaguarda de paz ainda consiste na observancia de uma perfeita serenidade.

Declaração

Antonio Joaquim Paulo, de 28 anos de idade, casado, carpinteiro, residente nesta cidade vem por este meio declarar que não se responsabiliza por quaisquer dividas contraídas por sua mulher Margarida Braga Ramos.

Tavira, 26 de Maio de 1942

Antonio Joaquim Paulo

António Pinheiro e o teatro clássico

Durante vinte e cinco anos, os versos dos autos e das farsas vicentinas, constantemente lembrados, como o teatro de António Ferreira, de D. Francisco Manuel de Melo, do Judeu, do proprio Garret, cantaram as bocas moças e frescas da juventude perante salas transbordantes de povo em sucessivas pinturas animadas da Era Manuelina, obedecendo ao duplo propósito do ensinamento dos jovens actores em formação e da vulgarização dos textos vicentinos quasi geralmente ignorados.

Um nome, entre outros, está vinculado a esse periodo de intensa revivescencia da nossa dramaturgia antiga, periodo (esse sim) de verdadeiro nacionalismo teatral: o professor **ANTÓNIO PINHEIRO**, realisador insigne, «vicentista» de alma e coração, que restituiu aos autos, no fulgor da cêna, a vida que eles haviam perdido.

Júlio Dantas

(excerto de um artigo)

Dois episódios da vida de António Pinheiro

«Aí por volta de 1892, numa das permanencias que fiz pelo Brazil, dirigia eu uma companhia de manbenbes que, como todos os grupos do genero, compunha-se de artistas de todas as categorias, em geral maus.

Chegára eu, então, a uma das entranhas do Brazil, onde havia muitos anos não ia uma troupe digna de ser ouvida. Uma vez ali lembrei-me de fazer o reclamo dos espectaculos e, sobretudo, anunciando a estreia de modo a ser concorrida a récita a-fim-de, com o respectivo produto, satisfazer as despezas de momento para as quais não tinha um vintem.

Dirigi-me a vários negociantes da terriola pedindo o seu valioso prestimo para os espectaculos, e todos eles, mais ou menos, torciam o nariz, lamentando-me com frases ternas:

—«Seu moço, não vem bem, não senhor; está tudo demodado, não há gentes para teatros.»

A seguir, entrava em outro estabelecimento e ouvia outras desculpas que, também, me consternavam. Não desanimei, prosseguindo no meu intento com alma de verdadeiro português.

Havia na terriola uma festa de igreja «com todos os matadores», —sermão, missa cantada, «Te-Deum», procissão à volta da terra, etc.

—Oh! Ideia luminosa—pensei eu. E' agora!—Reuni a companhia, convenci os artistas a vestir umas opas e a acompanhar cerimoniosamente aquele acto religioso.

Claro está que todos habitantes da localidade quizeram conhecer os devotos «irmãos» que com tanto apurmo acompanhavam o prestimo.

—São padres!—diziam uns.
—Sem corôa?!—interrogavam outros.

Até que, finalmente, tiveram conhecimento de que eram artistas da companhia dramática que, sob a minha direcção, pela primeira vez representava naquela noite o celebre «Paralítico»—drama de sensação, nunca exhibido nessas paragens.

A casa encheu-se totalmente. Houve no fim chamadas especiais à companhia e orquestra, que era assim composta: O prior da igreja tocava piano; o sacristão violino; o administrador do concelho, flauta; e o boticario ra-

(Conclui na 5.ª columna)

António Pinheiro

A nota agradável e predominante na homenagem que anteontem se prestou a António Pinheiro foi a do unanime reconhecimento da sua probidade pessoal e profissional. Mais do que ás suas qualidades brilhantes de artista, de professor e de ensaiador, o sentido das palavras que tão elevadamente

vação, tomaria a vida de Antonio Pinheiro como exemplo e modelo para essa desejada obra de ressurgimento.

Nesta mesma ordem de ideas todos os mais oradores, sem deixarem de realçar os fulgores da sua arte e da sua inteligencia, tornaram salientes as suas normas de digni-

ANTONIO PINHEIRO

Actor, autor, ensaiador e ponto, contra-regra e sei lá se maquinista, de tudo tem servido o grande artista e sempre para tudo muito pronto.

Dos seus belos trabalhos já sem conto no drama, na comédia, na revista, cinquenta anos faz—hoje os regista— e é por isso que às turbas o aponto.

Artista modelar, mestre eminente que no Teatro foi e é Alguem e chego a comparar a Gil Vicente.

Quasi p'lo mesmo a Arte os considera: fez o Gil a custodia de Belem e Pinheiro o «Custodio» da «Severa».

Lisboa, 1939

Antonito
(Tavirense)



ANTONIO PINHEIRO

Mestre do Teatro Português

Nasceu em Tavira a 21 de Dezembro de 1867

lhe exaltaram a vida e o nome incidiram sobre a sua comprovada compostura de homem digno, na rigorosa e completa acepção da palavra, através a sua longa e experimentada carreira de homem de teatro.

Com a voz tocada de comoção, Robles Monteiro confessou como na dolorosa sauda-

dade e bondade, apontando-o como um vivo testemunho de quanto as virtudes morais se impõem á unanime e sincera consideração do publico de todas as categorias.

Por ultimo queremos referir-nos ao gesto altamente significativo e honroso do Chefe do Estado que quis, êle próprio, acompanhado



Tavira

Praça da República e o Monumento aos Mortos da Grande Guerra

de que lhe deixara a morte de Augusto Rosa, o haviam reconfortado os conselhos claros e amigos de António Pinheiro, que de tal forma os conservava vivos na lembrança que a homenagem que por sua iniciativa se lhe estava prestando, e a que se dedicara de coração e alma, talvez fosse uma ordem imperiosa dessa recordação.

Samwel Deniz, afirmando como presidente do Sindicato dos Artistas Teatrais a intenção desse organismo em levantar o mais alto possivel o nível moral, o prestigio da classe, numa obra fortificada e audaciosa de reno-

do sr. Ministro da Educação Nacional, pôr-lhe ao peito a comenda de Santiago com que o agraciou, premiando-lhe os serviços prestados á Arte de Representar.

Foi uma linda e comovedora festa a homenagem a Antonio Pinheiro, profundamente justa e espiritualmente compensadora duma vida exemplar de trabalho util e de virtudes dignificantes, inteiramente devotada a prestigiar o teatro português.

Lisboa, 3-2-39

Antonio Santos

HOJE — No Teatro Popular, pelas 22,30 horas — RÉCITA DE GALA

Dedicada ao insigne Mestre da Arte de Talma ANTÓNIO PINHEIRO pela Embaixada Artistica Farense, constituída por elementos do «Sport Lisboa e Faro», com a apresentação da REVISTA

em 2 actos e 14 quadros **DE FIO A PAVIO...**

Original do Dr. Sousa Cachopa e Manuel Virgínio Pires. Música de Herculano Rocha

Honestidade e pobreza

Por cinquenta anos de palco e mais de vinte no ensino official, a vida de António Pinheiro oferece um nobre exemplo do culto do Teatro, de respeito aos deveres de professor, de sacrificio ás agruras da profissão.

Foi por amor da Arte que abandonou a carreira na Politecnica, aos proventos certos de um emprego, preferiu a incerteza dos ganhos, para vir a ser interprete histriónico de perfeita consciencia e altos recursos, ensaiador e mestre de sucessivas gerações.

Dando-me por testemunha da sua actividade didactica de muitos anos, em que os discipulos sempre amaram nele o guia seguro e paternal, tenho o dever de relembrar, como de todas a primeira, essa gloria viva do professor Antonio Pinheiro.

Num periodo de ressurgimento, mais de esperanças do que de realisações, pôde ele ser a principal actividade na reposição e demonstrações escolares do repertorio do nosso teatro clássico de Gil Vicente a Garret, prestando com essa divulgação notaveis serviços á lingua e á literatura portuguesa.

Em nome da justiça devida aos merecimentos de um grande mestre da sua arte e por respeito aos interesses do espirito, seria para louvar qualquer providencia do Poder Publico que, por bem fundamentada excepção, proporcionasse a este antigo servidor do Estado aquela modesta suficiencia de recursos que entre revezes e desilusões, ainda pudesse animar um homem de idade a suportar a sorte e um artista a amar a vida.

Janeiro de 1939

Hipolito Raposo

Dois episódios da vida de António Pinheiro

(Conclusão da 1.ª columna)

beção. Creio que não há memoria de tão grande desafinação numa orquestra de teatro!»

(Duma entrevista com Antonito)

— Já sei. Quere uma anedota? — Quero.

— As que se passaram comigo tenho-as tôdas contadas nos meus livros. Mas oiça, então, este caso, que não é bem uma anedota, mas quasi.

Sempre que ensaio, trago comigo uma bengala. E' a minha *batuta*. Quando tudo corre bem, a bengala traça no ar verdadeiras harmonias voluptuosas, assemelhando-se a uma bailarina de danças clássicas. Quando a coisa corre mal, a bengala sofre a acção impetuosa dos meus nervos.

Uma vez ensaiava eu o *Auto do fim do dia*, do poeta António Correia de Oliveira, quando um actor menos atencioso ás minhas observações me pôs os nervos em *corridinho*. A bengala, é claro, contagiou-se da minha crispacão nervosa e de tal forma bateu no soalho que se fez em vários bocados.

— Foi o *Auto do fim da bengala*?

Não foi, não senhor. Durante muitos meses nada soube da bengala, que julguei inteiramente perdida. E com pena, porque era um objecto lindo, muito digno de estimacão. Talvez por isso é que, mais tarde, numa das minhas festas artisticas, vejo o Seixas Pereira dirigir-se para mim, oferecendo-me uma coisa comprida.

— Era a bengala?

— Autêntica, tal como era antes. Aquele meu colega tinha tido o cuidado de guardar os bocados, mandando-a depois reconstituir a um artista da especialidade e que a pôs na perfeição. Ainda a conservo, mas, a cautela, só a trago para os ensaios de apuro.

Investigando do Passado

(Da Corografia de F.^r João de S. José—ano de 1577.)

(Manuscrito precioso da B.^{ca} N.^{al}).

Da vila de Almodovar se partiu logo El-Rey com todo o seu exercito já posto em *Ordem* e chegando á vista de Faro, pareceu-lhe lugar forte, e bem povoado, como o era; e que para o combater lhe era necessario força de gente e bem ordenado; e portanto a primeira coisa que fez, foi repartir em estancias todo o muro, aos principaes fidalgos e capitães que consigo levava, como boa companhia de gente, para que todos a hu mesmo tempo desem bateria aos Mouros por todas as partes, e não desem lugar aos inimigos de fazer um corpo, nem de se poderem ajudar uns aos outros. A primeira estancia tomou El Rey para si junto do Alcacer, que era o mais forte e perigoso, e occupou todo aquele lanço do muro que é até á porta que agora é chamada dos *Freyres* (palavra bem claramente assim escrita.) O segunda deu ao Mestre com toda a sua gente, que foi desta porta dos *Freyres* té a porta da Villa. O terceiro deu a *hu Rico homê* e bom Cavalheiro (titulo que naquele tempo não importava pouco,) chamado *Pero Estacho* ou Estação, e foi da porta da Villa té húa torre que adiante está que depois foi chamada de *João de Boim*. A este mesmo João de Boim, que era pessoa de grande estima, deu El-Rey outro lanço —S. desta sua torre com todo o mais que havia té o Alcacer onde El-Rey estava. Alem destes capitães aqui nomeados, estavam com El-Rey outros cavaleiros, e pessoas mui principais do Reyno; Dom Fernão Lopes Prior do Hospital; o Mestre Daniz; o *Chanceler* D. João da Ninhol; Mem Soares; Gaspar Lourenço e muitos outros. Como El Rey visse a Villa cercada per terra pela maneira indicada, próver logo (como prudente) sobre o que lhe era necessário para o mar para lhe tirar as esperanças de ter socorro de Africa nem de outra parte, mandou chegar á barra sua frota que trazia de navios e naos grossas; e ordenou que os mais fortes e bem armados entrassem no rio e se atrevessem no canal dele, os quais mandou forrar de couro da banda do mar, porque se por acaso os inimigos viessem e lhe deitassem fogo para que não só escapassem e fizesse muito mal.

Lisboa

Honorato Santos

Estância de Madeiras e Carpintaria Mecânica de JOSÉ JOAQUIM FERREIRA

Completo sortido em ferragens, tintas e ferro para cimento armado e cimento da acreditada marca

— T E J O —

ARTIGOS FUNERARIOS

Urnas, caixões de chumbo, coróas, etc., etc.

Preços sem competência

Avenida 1.º de Maio e Rua Guilherme Gomes Fernandes

Telefone, 57

TAVIRA

Tractor

de Rasto continuo, 20 HP, absolutamente em estado novo, fabricação alemã, vende-se ou aluga-se. Resposta a J. Ferreira Soares, Café Comercial—Vila Real.

Assinal o "Povo Algarvio"

Comemoração do 7.º centenário da conquista de Tavira

11 DE JUNHO DE 1942

PROGRAMA OFICIAL

- 8 horas** — No Castelo e nos Paços do Concelho proceder-se-á ao içar da Bandeira da Cidade, ao som de uma salva de morteiros e do toque de festa dos sinos do relógio.
- 10 horas** — A Banda da Academia Musical Tavirense dará uma arruada.
- 11 horas** — Romagem aos tumulos de D. Paio Peres Correia e dos seus companheiros de armas na Igreja de Santa Maria do Castelo. O cortejo será organizado junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra e nele se incorporarão todas as autoridades civis e militares, organismos corporativos, sociedades recreativas e mutualistas, com seus estandartes deputações da Legião Portuguesa e da Mocidade Portuguesa, crianças das escolas, etc. O cortejo será presidido pelos Srs. Governador Civil, Presidente da Junta de Provincia do Algarve e Presidente da Camara Municipal de Tavira.
- 12 horas** — Te-Deum solene em Santa Maria do Castelo presidido por sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo do Algarve, a seguir ao desfile dos representantes do cortejo por defronte dos Tumulos onde serão depositos ramos de flores. No Te-Deum usará da palavra um dos nossos mais distintos oradores sagrados.
- 20 às 22 horas** — Concerto no Jardim Publico pela Banda da Academia Musical Tavirense.

Homenagem a António Pinheiro

Aproveitando a solenidade do dia, realisa-se no Teatro Popular a Homenagem da cidade de Tavira a este seu illustre filho. Por ambos os motivos visita Tavira, também, uma «Embaixada Farense».

19,30 horas — Recepção dos visitantes na Estação dos Caminhos de Ferro, com a participação das entidades oficiais, clubes e povo, Banda da Academia, etc. Organizar-se-á um cortejo até Santa Maria do Castelo onde os dirigentes da «Embaixada» colocarão ramos de flores junto dos Tumulos dos Conquistadores de Tavira. A entrada da Igreja, o Sr. Presidente da Camara Municipal de Tavira apresentará os cumprimentos aos visitantes em nome da Cidade. Depois realizar-se-ão os cumprimentos ás restantes auctoridades.

22,30 horas — Récita de Gala no Teatro Popular com a Revista «De fio a pavio» da autoria dos Srs. Dr. Sousa Cachopa e Manuel Virgínio Pires, com musica do Maestro Herculano Rocha.

No intervalo, entre os dois actos do espectáculo será descerrada no hall do Teatro Popular uma lapide recordando Mestre António Pinheiro, honra de Tavira onde nasceu. Usarão da palavra os srs. Presidente da Camara Municipal, Presidente da Direcção do Teatro Popular, o notavel poeta Isidoro Pires, representantes do «Povo Algarvio», da «Embaixada Farense» e de António Pinheiro, seu velho e dedicado admirador e amigo, Virgilio Correia Monteiro, a quem e a Joaquim do Carmo Peres se deve a lapide mandada fazer por eles já há bastantes anos e que só agora conseguem ver colocada no local devido. A lapide será descerrada pela Menina Maria Eduarda Conceição Monteiro, gentil filha do representante do homenagendo.

A «Embaixada Farense» é a organização cénica do Sport Lisboa e Faro, a que preside o sr. Dr. Sousa Cachopa, conceituado advogado de Faro. As saudações do Povo de Tavira serão feitas ao iniciar o espectáculo, pelo sr. Dr. Eduardo Mansinho, distinto advogado de Tavira a quem agradecerá o Presidente da «Embaixada Farense».

Depois do espectáculo realisam-se bailes em todos os clubes da cidade para os quais estão convidados os visitantes.

«De fio a pavio» é uma revista em que aparecem novamente ligados os nomes do nosso Redactor Principal e do Maestro Herculano Rocha, autores da letra e da musica da grande revista «Ponto e virgula». O Dr. Sousa Cachopa estreia-se agora no Teatro, de sociedade com Manuel Virgínio Pires. Pelo que conhecemos da nova revista, estamos convencidos de que formaram uma sociedade com bom futuro.

Bôdas de oiro científicas de António Cabreira e VII Centenário da tomada de Tavira

Programa da Dupla Celebração a realizar, na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia, pelas 21 horas, prefixas, de 16 de Junho de 1942

I—«Marcha Solene António Cabreira», do maestro Capitão Manuel Ribeiro, pela banda de Música da Guarda Nacional Republicana, sob a regência do maestro, Tenente Lourenço Alves Ribeiro;

II—Abertura da sessão, pelo Almirante Alberto Carlos Aprá, Presidente do Instituto António Cabreira;

III—Apresentação dos oradores, pelo General Ernesto Maria Vieira da Rocha, Presidente da Primeira Comissão Executiva;

IV—«A obra matemática e astronómica de António Cabreira», pelo Coronel de Artilharia, Sérgio Ribeiro de Sousa;

V—«A obra sociológica e filosófica de António Cabreira», pelo Académico Frazão de Vasconcelos;

VI—«A obra militar de António Cabreira», pelo antigo Ministro da Guerra, Coronel de Infantaria, António Lopes Mateus;

VII—«A obra histórica de António Cabreira», pelo Prof. Dr. Manuel Busquets de Aguilár;

VIII—«Iniciativas, fundações e prioridades de António Cabreira», pelo Coronel de Infantaria com o Curso de Estado Maior, Francisco de Passos;

IX—«Ribeirão», poema sinfónico do maestro Frederico de Freitas, pela Banda de Música da Guarda Nacional Republicana;

X—Excerptos das obras de António Cabreira, «Soluções Positivas da Política Portuguesa», «Espírito e Matéria», «Vasco da Gama sobre a terra e sobre o mar» e «D. Afonso Henriques intérprete ideológico da Raça», lidos pelo Prof. Actor Carlos Santos;

XI—«Marcha de Guerra», pelas Bandas de Música e de Clarins da Guarda Nacional Republicana;

XII—«A tomada de Tavira aos mouros por D. Paio Peres Correia», pelo Coronel de Cavalaria, Alberto Machado Cardoso dos Santos;

XIII—«Largo Religioso», de Hendl, solo de órgão, pelo 2.º sargento músico da Guarda Nacional Republicana, Júlio Lage dos Santos; interpretando a conversão da mesquita na igreja de Santa Maria do Castelo e a alocação que segue, a qual acompanha;

XIV—«Te-Deum Laudamus», congratulação e agradecimento de António Cabreira;

XV—«Marcha Solene António Cabreira», pela Banda de Música da Guarda Nacional Republicana.

Superintende nos Serviços do Protocolo o General Francisco Soares de Lacerda Machado, Presidente da Segunda Comissão Executiva do Instituto.

Escolta a bandeira da Família Cabreira um grupo de alunos da Escola Luiz de Camões, de que é Director o Beneficiado da Sé Patriarcal, Prof. Dr. Avelino de Figueiredo, Capelão Militar na Grande Guerra.

Prestam honras militares uma Lança da Brigada Naval e uma Lança do Batalhão n.º 3 da Legião Portuguesa, com os respectivos clarins, corneteiros e tambores.

Casa Nolasco

60-Rua José Pires Padinha-62

TAVIRA

A que mais barato vende

Sortido completo em artigos de novidade para a presente estação

As melhores camisas

«Attila» e «Zeju»

(Exclusivo desta Casa)

PAULINO & GRAÇA, L.^{da}

Rua José Pires Padinha — TAVIRA

Telefone n.º 41

Os melhores Artigos de Mercadoria Excelentes Chás e Cafés

Puro Azeite do Alentejo Lindas Louças Finos Vidros

Bons Talheres—Duráveis Esmaltes e Ferros de Engomar — Gostosa Confeitaria — Saborosos Licores e Vinhos do Porto — Chique Papel de Cartas—Variados Brinquedos

Escolhida Perfumaria das marcas: Nally, Benamor, Santa Clara, Taipas, etc.

Sabonetes, Loções, Rouges, Batons, Pós de Arroz, Pastas Dentífricas, Cremes Dentífricos, etc.

Apreciáveis Descontos aos Revendedores

MÓDICOS PREÇOS

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Raios X - Electroterapia

Rua Santo António, 32-1.º

TEL. 57

F A R O

Aparelho de T. S. F.

Em 2.ª mão, para trabalhar em corrente alterna de 220 volts, em ótumo estado, vende-se. Nesta redacção se informa.

Vendem-se

Duas estantes para livros. Informa Joaquim Aldomiro, Rua do Salto.

Dr. Morais Simão

CLÍNICA GERAL

Cirurgia, Partos e Dentes

Consultas das 15 às 18 horas

Rua da Liberdade

TAVIRA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

O fascículo desta grandiosa obra que tem o n.º 87 da série e se refere ao mês de Junho de 1942, acaba de nos ser enviado com a pontualidade do costume.

São colaboradores deste fascículo excelente muitos dos melhores nomes do corpo redactorial desta grande obra, verdadeiras autoridades no nosso meio e alguns de renome mundial, como os Profs. Mendes Correia, Luiz de Pina Beleza dos Santos, Azevedo Gomes, Cunha Gonçalves; os doutores Carlos de Passos, Dias Amado, Claudio Basto, Santos Júnior, Padre Miguel de Oliveira, Peres de Carvalho, Capitão Mário Costa, Gastão de Sousa Dias, António Sérgio, etc., etc.

Ilustrados com muitas gravuras nitidíssimas encontram-se artigos do mais alto interesse, como: *Cruzeiro, Cuamato, Cubismo, Culpa, Cultismo, Cultura, Cumplimento* e as biografias das individualidades de apelido *Cunha*.

São nada menos de três, e todas formosíssimas, as estampas que, em separado, acompanham o fascículo.

É portentoso o esforço da Editorial Enciclopédia, Limitada, da Rua António Maria Cardoso, 33-35, em Lisboa, prosseguindo na realização desta obra incomparável, pese às extraordinárias dificuldades do momento actual. E ainda leva o seu esforço ao máximo mantendo, com pesados sacrifícios as suas vendas por pagamentos suaves que colocam a obra gigantesca ao alcance de todas as bolsas, operação comercial esta sobre cujos detalhes elucidam quantos se lhe dirijam num simples postal.

O dever dos filiados da união nacional

Está na essência da União Nacional o serem os seus filiados os primeiros a dar o exemplo da disciplina, e da unidade ao redor do Estado Novo, e seus Chefes. Ninguém pode duvidar desta asserção, que é verdadeiramente axiomática.

Portanto, os filiados da União Nacional têm de ser os primeiros na aceitação dos sacrifícios da hora presente; os primeiros no «produzir mais», pelo maior afino e devoção ao trabalho; os primeiros no «poupar no consumo», dando de mão a excessos de prazer ou comodidade; os primeiros na solidariedade que nos deve unir a todos, ricos e pobres, sábios e ignorantes, grandes e pequenos; os primeiros na colaboração com o Governo em todas as suas ordens ou leis de resistência económica da Nação. Dêste modo, assim como cumprem o seu dever de portugueses, assim honram o título de filiados dum organismo criado, sobretudo, para educar politicamente o nosso povo, e para o qual não pode haver melhor meio de educação, do que é o exemplo vivo dos melhores.

PELA IMPRENSA

«*Filmagens*»—Este simpático semanário popular de cinema publicou no seu ultimo numero alem de muitas interessantes fotografias de filmes e artistas de cinema, curiosas reportagens sobre os ultimos filmes portugueses e estrangeiros e diversas apreciações sobre as novas películas alem de uma interessante secção intitulada «A Moda em Hollywood».

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Em 15—D. Lidia Candida Soares de Lemos e menina Maria Dora Chagas.
Em 16—D. Maria de Lourdes Ribeiro de Souza Larcher.
Em 17—D. Maria Lucia Chagas Casado.
Em 18—D. Beatriz de Jesus Ribeiro Coimbra Faleiro.
Em 19—D. Diana Figueira.
Em 20—D. Maria Luiza Baptista Cruz.

Registo de Nascimento

No dia 8 do corrente, teve lugar na Conservatória do Registo Civil desta cidade, o registo de nascimento duma filha do sr. João Araujo Fragoas.
A neofita que recebeu o nome de Maria Irene, foi apadrinhada pelo sr. José Joaquim Leiria e a sr.ª D. Irene Leandro Leal.
Os nossos parabens.

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia MONTE-PIO.

Informações

Pela ultima «Ordem do Exercito» foi promovido a Tenente Coronel o nosso conterrâneo sr. Eduardo Santos, que presentemente presta serviço no comando geral da Guarda Fiscal.
Os nossos sinceros parabens.

Foram concedidos 30 dias de licença graciosa, ao nosso prezado assinante sr. Engenheiro João Maria Cabral, distinto Director do Posto Agrario do Sotavento do Algarve.

SANTA CASA DE MISERICORDIA DE TAVIRA

Avisam-se todos os devedores de fóros e juros de que podem efectuar o pagamento voluntário dos respectivos recibos anuaes, todos os domingos, das 11 às 15 horas, na Secretaria do Hospital desta Misericórdia.

Também se avisam todos aqueles que devam mais do que um recibo, de que devem efectuar já, os pagamentos em atraso.

A Misericórdia para poder cumprir a sua missão precisa do auxilio e carinho de todos que lho podem prestar, não podendo dispensar os rendimentos que lhe são próprios, pelo que, embora com pesar, procederá coercivamente contra todos os seus devedores em atraso.

O PROVIDOR

Violino

Vende-se. Nesta redacção se informa.

Monte - Pio Artístico Tavirense Aviso

Assembleia Geral Extraordinaria

Convoco os srs. associados a reunirem-se na Sede Social em sessão extraordinaria, pelas 18 horas do dia 8 de Junho corrente, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Discussão e aprovação da alteração da cota para Assistencia Médica e Medicamentos e para Administração e Cobrança, estabelecidas nas alinéas a) e c) do Artigo 11.º dos Estatutos, ao abrigo do Artigo 33.º do decreto N.º 19.281 e segundo o despacho que foi proferido por Sua Excelência o Sub-Secretario do Estado das Corporações e Previdencia Social, em 28 de Maio findo.

Não comparendo, pelo menos, dois terços dos sócios para a Assembleia poder funcionar em primeira convocação, fica desde já feita segunda convocação para o dia 15 do referido mês, no mesmo local, á mesma hora, e para o indicado fim, e não comparendo pelo menos um terço dos socios para a Assembleia poder funcionar em se-

Remédios recomendáveis

Para o estomago use «FOSFOLACTODIONINA» caixa 14\$00

Para a sarna use «NARSA» caixa 12\$00

Feridas e eczemas use «SUPURA-CURA» caixa 6\$00

Para a tosse use «XAROPE DE FIOCAL COMPOSTO»—frasco 15\$00

Preparados no Laboratório da Farmácia S. Marcos de

Roque dos Reis Branco

Farmacêutico S. Marcos da Serra

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

gunda convocação, fica marcada a terceira convocação, conforme o preceituado no Artigo 39.º dos Estatutos, para o dia 22 do mencionado mês de Junho, á mesma hora no mesmo local e para o mesmo fim.

Monte-Pio Artístico Tavirense, em 1 de Junho de 1942.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Bernardino Padinha Diniz

Estância de Madeiras

DE

Firmino António Peres

Serração Mecânica
FERRAGENS E DROGAS
Agencia Funerária

SÉDE

Rua Guilherme Gomes Fernandes, 30-30 A

DEPÓSITO

Ruas Monte Alvão, 22 e 24

1.º de Maio 95 a 99

TAVIRA

Francisco de Paula Peres

COM
MATERIAIS DE
CONSTRUÇÃO

MADEIRAS FERRAGENS
DROGAS

CABOS DE CAIRO E CINZAL

MATERIAL AGRICOLA

Avenida 1.º de Maio, 24

TAVIRA

Cunha & Dias, L. da

8-RUA DA LIBERDADE-10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fostoreira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços

Condições especiais
para revendedores

DAMIÃO DE VASCONCELLOS

Ecos do Passado de Tavira

No regimen do terror

Na guerra civil entre miguelistas e constitucionais, deram-se em Tavira, como em todo o pais, cenas de perseguições politicas, de sangue e latrocínios; emfim, todos os horrores d'uma luta civil.

Em Tavira eram recebidos com indignação os emblemas miguelistas e afirmava-se publicamente a discordancia com os que apoiavam o absolutismo.

Por uma simples delação de uma creada era uma familia inteira sepultada em lugubres masmorras. O dito de um rapaz ou de um bebado, assegurava a perda do homem mais probo.

Vinte mil cidadãos, segundo a Intendencia da Policia, gemiam em ferros em todo o reino!

As proprias mulheres não estavam insentas de denuncias e prisão e não eram poucas as que se achavam em carceres!

Até a tenra idade era obrigada por enganos e ardis a denunciar seus proprios pais.

Todas as cadeias do Algarve regorgitavam de presos liberais.

Os constitucionais de Tavira presos em S. Julião da Barra, eram: cabo do mar Figueiredo, condenado em 5 anos para Angola e em 50 mil reis. Frei Francisco Antonio da Pureza, franciscano, condenado por toda a vida para Angoxe (Angola). Francisco Bento da Silva Reis, prior de Terrugem, condenado por toda a vida para Pungo Andongo (Angola). Francisco José de Sá Aboim, alferes de infantaria 2, falecido em S. Julião. João Baptista Marçal, capitão d'infantaria 19, condenado por um ano para as Berlengas. João Baptista Marçal, padre, preso em Castro Marim e condenado por 3 anos para Cabo Verde. José Gomes Ruas, catraeiro, condenado a dar 3 voltas á rôda da fôrca e a toda a vida para o rio Sena (Moçambique). José Joaquim Vila Lobos, capitão d'infantaria 2, preso em Estoi, demitido. Manuel Antonio Neves de Vasconcellos, escriptor da Camara de Tavira, demitido. Frei Manuel Antonio Chaves, franciscano. Manuel Baptista Bombazina, vice-consul d'Inglaterra. Manuel Bernardino de

Melo, major d'infantaria 2, demitidos. Pedro Alexandre da Silva Oliveira, alferes d'infantaria 15, demitido. Silvestre Falcão, major d'ordenanças e preso em Castro Marim, demitido. Valentim Timotio da Conceição Aleixo, coadjutor d'Alcoutim. Francisco de Paula Cabreira, major reformado, natural de Castro Marim e preso em Tavira, demitido. Joaquim Pedro Judice Biquer, cadete d'infantaria, demitido e condenado em 10 anos para Angola. José Antonio de Brito, advogado. José de Sousa Castelo Branco, condenado em 2 anos para Portel e em 200.000 rs Manuel Henrique d'Azevedo Aboim, coronel de milicias de Tavira, demitido; etc., para não fatigar o leitor.

Com a victoria do constitucionalismo, começou a faina de saquear e eliminar os miguelistas.

Deixando o resto de Portugal, e referente ao Algarve, possui crimes conhecidos sobre os miguelistas, ou tidos por tal, 285, de Julho de 1833 a 1837, assassinatos 285, roubos 509, o que dá a media de 158 assassinatos e roubos por ano!

No regimen miguelista não se chegou a tanto: todos os justicados durante o governo de D. Miguel, não excederam 115, entrando n'essa conta assassinos e desertores arcabuzados, faça-se-lhe essa justiça.

Que ficava do povo português, n'estes tempos calamitosos, de

odios politicos e lutas ferinas, horror e vergonha de sociedades que se dizem civilizadas?

O espectro d'esse povo antigo, sombras errantes falando uma linguagem tremida nos labios brancos de frades rotos e senectos; cordões de mulheres ltuosas ajoelhadas perante nichos alumiados, resando «por alma dos nossos irmãos que foram mortos n'esta rua», como diz um historiador.

Pondo ponto n'estas paginas sombrias da nossa historia, vou transcrever os hinos constitucionais, começando pelo hino da Revolução de 24 de Agosto de 1824, e adoptado como Hino Constitucional:

Chegou emfim o momento Da nossa emancipação:
Viva lusos valorosos,
A nossa Constituição.

Côro

Viva o nosso soberano,
O amado sexto João,
Que hade dar com o seu nome
A nossa Constituição.

Côro

Reunam-se as lusas côrtes,
E com sacra inspiração,
Façam que brilhe no mundo
A nossa Constituição.

Côro

Viva o nosso soberano etc.

Oh tu de um Deus emanada

Oh santa religião,
Difunde com tuas assas
A nossa Constituição.

Côro

Viva o nosso soberano etc.

Já pouco tarda o momento
Da nossa consolação,
Que ha-de baixar dos céus
A nossa Constituição.

Côro

Viva o nosso soberano
etc.

Quando em 1833 se implantou o Regimen Constitucional, ficou então como hino nacional, o Hino da Carta, que tinha os versos seguintes:

O' pátria, ó rei, ó povo,
Ama a tua religião
Observa e guarda sempre
Divinal Constituição.

Côro

Viva, viva, viva o rei,
Viva a Santa religião;
Viva, lusos valorosos
A feliz Constituição.

Oh, com quanto desafogo,
Na comum agitação,
Dá vigor às almas todas
Divinal Constituição.

Continua

José Francisco Peixoto

COMERCIANTE

TAVIRA

Compra e venda de: FRUTOS SECOS, SAL, AZEITE e CEREAIS.

ESCRITÓRIO:

Borda d'Água da Asseca — Tavira.

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábrica de farinhas espoadas

A maior e mais completa do Algarve. Fabrico esmerado como o atestam as suas esplendidas farinhas e as suas sementes sem rival.

Fábrica de farinhas em rama

Uma das maiores do País e com moderna aparelhagem, produzindo as suas tão acreditadas farinhas em rama

Padaria

A maior da Província com amassadeiras mecânicas. Escrupulosa fabricação

Os produtos das fábricas

J. A. Pacheco

teem a garantia duma fabricação cuidadosa em maquinaria moderna e aperfeiçoada.

Manuel Pedro Cabrita Junior

Novo Estabelecimento

Rua José Pires Padinha, 46 — TAVIRA

Inaugurando dentro de poucos dias o seu novo estabelecimento pede à sua estimada clientela o prazer duma visita.

Nele encontrarão todos os artigos que pretendem e a melhor boa vontade em os servir.

COMARCA DE TAVIRA

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faço saber que por este Juízo e primeira secção, correm éditos de trinta dias a contar da segunda publicação deste anúncio, citando quaisquer credores incertos, para no prazo de vinte dias posteriores aos dos éditos, deduzirem a sua habilitação como herdeiros, na acção com processo especial de herança jacente, por falecimento de Laura dos Santos, viuva, doméstica, residente que foi na Rua dos Combatentes da Grande Guerra desta cidade.

Tavira, 5 de Junho de 1942.

O chefe da 1.ª secção,

José Mateus Mendes

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Luiz Pinto

Jornal «Povo Algarvio» n.º 415 de 7 de Junho de 1942

A COMPETIDORA

de JOSÉ AUGUSTO NEVES

Praça da Republica, 28-29
Rua da Fonte, 2

TAVIRA

Tem presentemente á venda um lindo sortido de fazendas para fatos e uma assombrosa variedade de algodões, casimiras, cofins, linhos, etc.

SECÇÕES DE:

CHAPELARIA e MIUDEZAS

A pesar-das dificuldades do momento é a unica casa que continua a fazer competencia

As Fábricas de

REFRIGERANTES

A. NUNES CORREIA

R. José Falcão, 22-4-1- LISBOA

Montagem, afinações e reparações de maquinas de refrigerantes

Ensino pratico por tecnico diplomado em fabrico de licores e refrigerantes (baranjada natural)

Fornecimento de todos os produtos

Quereis um bom fabrico?

Procurai esta casa

«PEROLA DO GILÃO»

DE

M. SOUSA ROSA

Rua José Pires Padinha

TAVIRA

SECÇÕES DE

Mercearia fina, licores, artigos para brindes, perfumaria, chás e cafés especiais

Vidros, Louças, etc

Drogaria e Ferragens

A Comercial

DE

J. CARMO, L. DA

Artigos de Fanqueiro, Retrozeiro, Modas e confeccões

Rua Alexandre Herculano

TAVIRA

Francisco Martins Pereira

TAVIRA

Compra de

CEREAIS e FRUTOS SECOS

Fabricante de RAÇÕES PARA GADO

Venda de SAL

Productor de GELO

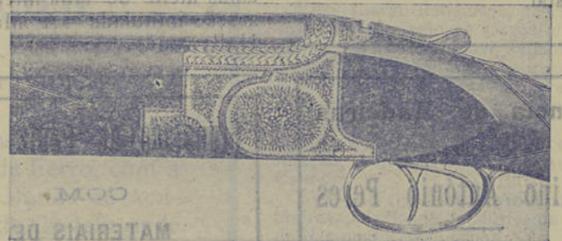
Espingardaria

“ALGARVE”

TAVIRA

A maior casa importadora de

Armas de Caça



Especialidade em

Espingardas de Luxo.

Sensível diferença de preços

em qualquer modelo.

JOSÉ VIEGAS MANSINHO

ESTANCIA DE MADEIRAS DE

Marcelino A. Galhardo

Rua Dr. Miguel Bombarda, 108 a 112 — TAVIRA

TEM Á VENDA

O melhor e o mais completo sortido de: Charruas completas, fivecas, Rastos, Relhas, Rodas, Ferragens trazeiras e dianteiras, Castanhetas, etc.

OFICINA DE REPARAÇÕES COM SOLDAGENS A AUTOGÉNIO